



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

VERÔNICA LUCENA DO NASCIMENTO

AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR A PARTIR DA
ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

CAMPINA GRANDE – PB
2016

VERÔNICA LUCENA DO NASCIMENTO

AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR A PARTIR DA
ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.
Orientadora: Prof.^a Ms. Tássia Tavares de
Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB
2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N244a Nascimento, Verônica Lucena do.
Augusto dos Anjos no ensino médio : um olhar a partir da
estética da recepção / Verônica Lucena do Nascimento. – Campina
Grande, 2016.
51 f.: il.

Monografia (Curso de Licenciatura em Letras) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profª. Me. Tássia Tavares de Oliveira".
Referências.

1. Augusto dos Anjos. 2. Leitura. 3. Recepção. 4. Ensino de
Literatura. I. Oliveira, Tássia Tavares de. II. Título.

CDU 821.134.3(81)

VERÔNICA LUCENA DO NASCIMENTO

AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR A PARTIR DA
ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

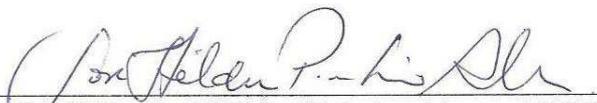
Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.
Orientadora: Prof.^a Ms. Tássia Tavares de
Oliveira

Aprovada em 29 de fevereiro de 2016

Banca examinadora



Prof.^a Ms. Tássia Tavares de Oliveira – UFCG
(Orientadora)



Prof.^o Dr. José Helder Pinheiro Alves – UFCG
(Examinador)



Prof.^a Ms. Aluska Silva Carvalho – UFCG
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE – PB
2016

AGRADECIMENTOS

A Deus por me abençoar e encorajar na busca dos meus objetivos e sonhos, como algo possível e realizável;

Aos meus pais pelo amor, apoio, carinho, educação e incentivo;

Aos meus irmãos Jerônimo Lucena e Júlio César de Lucena, pela alegria, amizade, carinho, companheirismo e força;

A minha orientadora Tássia Tavares de Oliveira, por acreditar nesta pesquisa, pela atenção, paciência e orientação, que tornaram possível a conclusão da graduação;

A todos os professores do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, pela dedicação e excelente trabalho, o qual pode adquirir aprendizado, em especial, a Aloísio Medeiros Dantas, pelo apoio e amizade e a Hélder Pinheiro pelas ótimas aulas de literatura, das quais obtive gosto e encantamento, e pelo fornecimento de textos e livros a serem utilizados nessa pesquisa;

Aos funcionários da Unidade Acadêmica de Letras, em especial, a Marciano Siqueira, ao senhor Valdemar e a coordenadora do curso de Letras Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Bezerra, pela disponibilidade, atenção e atendimento nas horas necessárias;

A Universidade Federal de Campina Grande por tornar possível a realização do sonho do curso de Letras;

Aos colegas de curso da turma 2010.1, pelos momentos de alegria, aprendizado e amizade, em especial, a Johne Paulino e Amanda de Paula, pelas contribuições e incentivo, nas horas de aflição e desânimo durante a pesquisa;

A Augusto dos Anjos pela poesia atemporal, singular e transcendente, que despertou em mim, encanto e admiração;

Enfim, a todos que estiveram presentes nessa caminhada inicial contribuindo direto ou indiretamente na minha formação, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a recepção da poesia de Augusto dos Anjos a partir de quatro poemas do autor: “Budismo moderno”, “Idealismo”, “Soneto” e “Versos de amor”, publicados na obra *Eu*. Para tanto, objetivamos especificamente: 1) Expor e discutir como os alunos do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande recebem a poesia de Augusto dos Anjos; 2) Sugerir formas de abordagem dos poemas. A partir das explicações de Santos (2002), Viana (2001), Machado (1998) e Almeida (2012), pretendemos comentar momentos da recepção dessa poesia no início dos séculos XX e XXI. Apoiados nas concepções Jauss (1979 e 1994), Iser (1979) e Pinheiro (2009) sobre a estética da recepção discutiremos as contribuições da teoria para o ensino da literatura. E a fim de refletirmos acerca da leitura no ensino dessa disciplina, nos pautamos nas discussões de Rezende (2013), Pinheiro (2006), Silva (2008) e Rios (2008). Ao analisarmos as atividades escritas procuramos observar as impressões dos alunos do ensino médio, após o trabalho de leitura e discussão dos textos na sala de aula. Os resultados dessa pesquisa demonstrou que a poesia de Augusto dos Anjos teve uma recepção significativa na sala de aula, uma vez que os alunos estabeleceram a leitura interativa com os poemas, refletindo a inovação poética criada pelo poeta ao contexto histórico da época que se perpetuou na nossa contemporaneidade, relacionando às ideias dos poemas a realidade atual, obtendo com isso, um olhar mais crítico e reflexivo sobre o mundo, percebendo também, a pertinência da poesia do paraibano nas aulas de literatura.

Palavras- chave: Augusto dos Anjos. Leitura. Recepção. Ensino de Literatura.

ABSTRACT

This work aims to analyze the reception of the Augustan poetry of Angels from four author of poems: "Modern Buddhism", "up", "Sonnet" and "Verses of Love," published in the work I To this end, we aim specifically.: 1) to expose and discuss how the high school students of a public school in Campina Grande receive Augustan poetry of Angels; 2) Suggest ways to approach the poems. From the explanations of Santos (2002), Viana (2001), Machado (1998) and Almeida (2012), we intend to review this poetry receipt of moments at the beginning of the XX and XXI. Supported the views Jauss (1979 and 1994), Iser (1979) and Pine (2009) on the aesthetics of reception discuss the contributions of the theory to the literature of education. And in order to reflect about reading in the teaching of this discipline, we base on the discussions Rao (2013), Pine (2006), Silva (2008) and Rivers (2008). In reviewing the written activities seek to observe the impressions of high school students after reading the work and discussion of the texts in the classroom. The results of this research showed that the Angels Augustan poetry had a significant reception in the classroom, since students established the interactive reading with poems, reflecting the poetic innovation created by the poet to the historical context of the time that was perpetuated in our contemporary, relating to the ideas of poems to current reality, thus obtaining a more critical and reflective about the world, realizing also the relevance of poetry of Paraiba in literature classes.

Key words: Augusto dos Anjos. Reading. Reception. Literature Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ENSINO DE LITERATURA	
1.1 A estética da recepção e suas contribuições para o ensino de literatura	11
1.2 Formação do leitor: a leitura no ensino de literatura.....	15
2 AUGUSTO DOS ANJOS	
2.1 A recepção crítica de Augusto dos Anjos no século XX.....	20
2.2 A recepção escolar de Augusto dos Anjos no início do século XXI.....	24
3 A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS NA SALA DE AULA	
3.1 A sequência básica: uma alternativa para o trabalho com o texto literário.....	28
3.2 A experiência de ensino e a recepção dos alunos	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

A poesia de Augusto dos Anjos ao longo da história vem motivando o interesse de estudiosos da literatura em pesquisar sua obra. O modo criativo e singular como o autor elaborou seus versos chamam a atenção pelas imagens pouco comum na poesia brasileira e pela musicalidade característica de uma linguagem intercalada de termos científicos, filosóficos e prosaicos, em que percebemos o traço original de estilo e inovação, como força expressiva, de uma poesia que tende a aproximar o leitor do *Eu* (1912).

As características dessa poesia chocaram a sociedade da época na qual o livro foi publicado, por ser uma poética que se distanciava do modelo vigente. Nesse sentido, várias foram as críticas, mais junto ao reconhecimento da obra.

Ultrapassando os limites do tempo, os versos do poeta vêm permanecendo vivos na memória de variados tipos de leitores, desde os intelectuais das letras, ao leitor comum de poesia, e principalmente pelo povo, que ficou fascinado pelos poemas de semântica áspera, forte e dissonante.

Pelos cem anos de glorificação da obra e pelo centenário de sua morte, Augusto vem, recentemente, sendo homenageado em todo o país, e recebendo o reconhecimento e consagração de uma crítica que procura partilhar saberes acerca da pertinência de sua poesia.

Diante de tamanha revolução e reconhecimento recebido por Augusto dos Anjos, por meio de uma obra única, passamos a nos questionar como o poeta paraibano, nascido no município de Sapé, é recepcionado por jovens do terceiro ano do ensino médio?

Para tanto, nosso objetivo geral no presente trabalho é analisar a recepção de quatro poemas do autor: “Budismo Moderno”, “Idealismo”, “Soneto” e “Versos de Amor”, publicados no livro *Eu* (1965), a partir da perspectiva teórica da estética da recepção.

A fim de atingirmos esse propósito, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: 1) Expor e discutir como os alunos do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande recebem a poesia de Augusto dos Anjos; 2) Sugerir formas de abordagem dessa poesia, de forma que, se contribua com a leitura e apreciação dos poemas do autor na sala de aula.

A pertinência do trabalho se justifica por acreditarmos que a poesia do paraibano ainda tem inquietado o leitor, pela transgressão, abordagem das temáticas e expressividade da linguagem, podendo auxiliar, desse modo, no desenvolvimento qualitativo da leitura nos seus diversos aspectos.

Deste modo, a poética de Augusto dos Anjos pode contribuir na formação cultural e pessoal do leitor, inserido numa sociedade que exige do homem, cotidianamente, a maturidade de enfrentar os males da contemporaneidade.

Acreditamos que o olhar crítico e criativo dessa poesia pode dar condições aos alunos de se familiarizarem com temas universais, como por exemplo, o amor e a morte, além de despertá-los para a literatura brasileira, através de um poeta que trouxe através, de seus versos, a atemporalidade de sua arte.

O presente trabalho foi organizado em três capítulos: no primeiro discutiremos como o leitor passou a ser compreendido após os estudos da estética da recepção e as contribuições dessa teoria para o ensino de literatura, com base nos estudos dos seus principais representantes (Jauss 1979; 1994 e Iser 1979); no segundo apresentamos uma breve biografia de Augusto dos Anjos e teceremos alguns comentários sobre sua recepção ao longo do século XX e início do século XXI, bem como a imagem construída frente a sua poesia no contexto de ensino médio; no terceiro tratamos da importância da leitura e implicações para o ensino, e discutimos como foi nossa experiência na sala de aula com a poesia do autor; e por fim, apresentamos nossas considerações finais onde destacamos algumas sugestões de trabalho com a poesia do paraibano.

1 ENSINO DE LITERATURA

Neste capítulo comentaremos as contribuições da teoria da estética da recepção para o ensino da literatura e discutiremos como o leitor passou a ser observado no processo da leitura, como também, trataremos de questões relacionadas ao ensino de literatura na sala de aula.

1.1 A estética da recepção e suas contribuições para o ensino de literatura

De acordo com Zappone (2009, p. 189), foi a partir da década de 1960 que a leitura passou a ser investigada na literatura como um “processo, habilidade e atividade social e coletiva”. Por muito tempo, texto e autor foram considerados responsáveis pela significação e interpretação textual. Com o avanço nos estudos da linguagem os sentidos do texto deixaram de pertencer àquele que o escrevia e o materializava e a obra acabou perdendo a completude das informações. As concepções de texto e autor foram reavaliadas e o leitor passou a ser um elemento essencial na construção dos sentidos.

Segundo autora,

o leitor tem sido considerado peça fundamental no processo de leitura. Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê. A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transformam em sentido quando alguém resolve ler. E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam literários ou não) (ZAPPONE, 2009, p. 189).

Esse leitor, agora percebido como um agente ativo e participativo na leitura recebeu um novo tratamento também nos estudos da literatura com a teoria da estética da recepção, influenciada pelos estudos da fenomenologia, filosofia que buscava compreender como a consciência percebia “os objetos e a realidade”. Nesse sentido, “um texto seria um *puro fenômeno* se apreendesse sua essência, o que só poderia dar-se através da experiência de um sujeito, ou seja, de um leitor”. (ZAPPONE, 2009, p. 190).

Hans Robert Jauss foi um dos principais representantes da estética da recepção e se preocupou com as características artísticas dos textos literários e suas reações no leitor, como também, em apresentar uma nova teoria que tratasse autenticamente da historicidade da literatura sem desprezar os componentes estéticos das obras literárias. Na conferência “O que é e com que fim se estuda a história da literatura”, em Constança, na Alemanha, ele criticou “a teoria e historiografia literária” ainda em vigor, que era reduzida a “tendências gerais, gêneros e outras categorias”, ao contemplar a “literatura moderna e contemporânea” sob uma perspectiva “cronológica” e uma “sucessão temporal de obras e autores”. Tal modelo desconsiderava os valores estéticos dos textos literários, que só podiam ser observados e considerados junto ao reconhecimento de recepção atribuídos a obra pelo público leitor (JAUSS, 1994).

O estudioso compreendeu que a historicidade só podia ser construída a partir da relação da obra com o leitor. Para tanto, desenvolveu uma discussão para o estudo dessa história, no qual o leitor fosse colocado como elemento essencial à construção da historicidade, a partir de sete teses, em que mostrou seus princípios.

A primeira se referia ao experienciar do texto literário pelo leitor, esse que era compreendido como elemento essencial e base para a construção da historicidade da literatura através da interação com o texto. A segunda foi uma explicação da anterior, para que sua proposição não fosse interpretada como uma “leitura impressionista”, e sim como um fenômeno provocado pelo “sistema-histórico-literário” do leitor, ou seja, como os conhecimentos prévios acerca da obra e as suas experiências de vida e conhecimentos suscitados pela nova obra. Esses conhecimentos foram denominados como “horizonte de expectativa” do leitor em relação à obra, e podia sofrer transformações durante a leitura dependendo do distanciamento estético do sujeito.

O distanciamento estético, terceira tese, era entendido como o processo de modificação do “horizonte de expectativa do público e o horizonte de expectativa suscitado por uma nova obra” que auxiliaria em leituras posteriores, (ZAPPONE, 2009, p. 195).

A quarta referia-se à construção do sentido textual que se realizaria a partir dos condicionantes históricos (“história do efeito”), que permitiam aos textos serem lidos de variadas formas. Na leitura entrariam em ação, tanto questões históricas do passado, quanto questões do presente levantadas pelo leitor e suas necessidades na leitura. Nesse sentido, o texto seria uma resposta para as perguntas do leitor sendo capaz de modificar seu horizonte de expectativa.

Os aspectos “diacrônicos”, ou seja, da historicidade de uma obra literária, quinta tese, era realizada pela “mediação” (comunicação) que uma obra podia levantar para leituras futuras, por meio de especificidades percebidas entre “formas velhas e novas”. Isso permitia a resignificação do texto dentro de leituras possíveis que ele poderia oferecer.

A sincronia da obra, sexta tese, se daria pelos pontos “diacrônicos” e “sincrônicos” de “interseção” na obra, cuja historicidade era estabelecida permitindo que o texto fosse percebido pelo leitor como novo ou velho, segundo sua recepção inicial. A sétima e última referia-se a possibilidade de adiantamento de experiências não concretas provocadas pela leitura, proporcionando alternativas na vida prática do leitor e mostrando-lhes aspirações no cotidiano de experiências reais.

Desse modo, o modelo proposto Jauss contribuiu com o ensino da historicidade, que valorizava a leitura e principalmente as impressões dos leitores acerca das obras literárias. Visto sob esse ponto de vista, o contato do leitor com os textos era fundamental, para que conhecêssemos o versejar e/ou prosear dos nossos poetas e romancistas.

Nesse sentido, a interação texto-leitor é o que possibilita o posicionamento acerca de um autor e da sua escrita, ou seja, através da leitura, da convivência com o texto é que pode-se compreender os valores estéticos de uma obra literária. Sendo assim, observamos que as apresentações de determinados escritores quanto aos valores estéticos de seus textos literários apresentados em livros didáticos, por exemplo, podem afetar o interesse do público conhecer suas obras, se houver predominância de descrições que não abrangem as obras no sentido amplo, a exemplo da poesia de Augusto dos Anjos.

Wolfgang Iser foi também outro importante representante e teórico da estética da recepção preocupado com o leitor e o processo da leitura. Segundo Compagnon (2010), ele via a relação autor-texto-leitor, como um jogo em relação dinâmica, no qual o texto tinha o “efeito potencial” a ser explorado pelo sujeito. O texto mostrava-se ao leitor como um “espetáculo”, no qual ele participava de forma ativa e passiva da leitura na construção do significado.

Para Iser (1979), os movimentos da leitura se realizariam pelos níveis de diferença: confrontação de posições, “movimento de ida e vinda” da leitura e “transformação das posições” envolvendo autor-texto-leitor.

Sendo assim, o estudioso via a leitura como uma espécie de “jogo” em que o leitor põe as regras em movimento para chegar ao resultado, ou seja, ao significado. Como o leitor envolve-se intimamente nesse processo e dela extrai uma experiência, a experiência da leitura,

que nele provoca um efeito: o significado. Deste modo, o significado de um texto permite “diferentes desempenhos por diferentes leitores no ato da recepção” (ISER, 1979, p.109).

Para Jauss (1979, p. 101-102), o processo da leitura pode proporcionar ao sujeito o prazer pela experiência estética, que para o teórico funcionam de forma autônoma e “estabelece relações de sequência”.

A “poiesis” caracteriza a identificação do sujeito com a obra literária, ao passo que ele se sente produtor da arte contemplativa; a “aisthesis” denomina o prazer estético que leva o sujeito a uma nova percepção da realidade externa e internamente e a “kathaesis” se refere ao prazer estético pelo “discurso ou pela poesia”, que possibilita ao sujeito alterar seus princípios e desbloquear seu psiquismo.

Com as teorias de Jauss e Iser, houve um enriquecimento nos estudos literários sob uma abordagem mais ampla, por meio da relação dialógica entre texto e leitor, e não só na mera simplificação de informações históricas, de cunho biográfico, e de curiosidades acerca da obra. O contato e experiência estética do aluno com a obra ou o texto literário passaram a ser mais valorizados.

A estética da recepção propiciou a reflexão das práticas metodológicas adotadas nas salas de aula. O livro didático, por exemplo, passou a ser analisado pelo tratamento dado a esse tipo de texto. Segundo Pinheiro (2009, p. 132),

O objetivo de todo ensino de literatura deveria, pelo menos nos níveis fundamental e médio, formar leitores de literatura. E formar pressupõe oferecer a oportunidade de a criança ou o jovem ter acesso a diferentes textos numa periodicidade constante. Ora, favorecer a “interação texto leitor”, para usar a importante formulação de Iser (1979).

Nesse sentido, estudar literatura é tratar das diversas produções artísticas de textos literários, favorecendo o encontro do aluno com os gêneros literários ao passo que despertemos o gosto pela leitura.

As metodologias usadas nas atividades devem contribuir de forma motivacional para que o aluno desperte o interesse da leitura, e como estamos tratando do texto literário, as produções artísticas dos poetas, inclusive os que fazem parte da cultura a qual eles estão inseridos. De acordo com Rezende (2013, p. 108),

‘Ler de mil maneiras’ tem a ver também com interesses, proficiências, ideologias, esfera de atividade do leitor etc. etc. Pode-se ler para “fugir da realidade”, para “ler uma boa história e passar o tempo”, mas também para

“viajar para outros lugares imaginariamente”. (...) conhecer outras experiências, aprender com elas, num processo de identidade e alteridade.

“Ler por prazer” não exclui os objetivos da escola de promover o ensino. Ela pode sim, se apropriar do interesse do aluno para provocar a aprendizagem e despertá-lo também, para o conhecimento de novas informações, que venham a favorecer o crescimento cultural e pessoal do sujeito.

1.2 Formação do leitor: a leitura no ensino de literatura

Para Bordini e Aguiar (1993), o livro é o objeto que tem a finalidade de conservar conhecimentos, descobertas, histórias que tentam imitar o real ou um mundo possível. Ao longo da história, o livro adquiriu valores sociais e culturais, detendo o valor de *status* social, daqueles que o possuíam. Ao mencionarmos uma determinada obra, acionamos involuntariamente, processos mentais, que nos permitem elencar conhecimentos prévios acerca do livro, autor e conteúdo referenciado, determinando o estímulo ou o repúdio, de acordo com julgamentos pré-estabelecidos, que fazemos diante de uma determinada obra ou texto. Para Bordini e Aguiar (1993, p. 9-10),

o livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo. Ao decifrá-lhe o texto o leitor estabelece elos com as manifestações sócio-culturais que lhe são distantes no tempo e espaço.

A ampliação do conhecimento que daí decorre permite-lhe compreender melhor o presente e seu papel como sujeito histórico. O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre leitor e outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita.

Desta forma, a leitura abre possibilidades de sentidos, uma vez que ao ler, o sujeito amplia seus conhecimentos, adquire experiências com outras realidades, estimula a criatividade, principalmente quando falamos em textos literários, por suas particularidades em aberto, pelo caráter representativo da literatura de retratar experiências humanas, de abordar não só realidades reais, mas também ficcionais, nas quais o leitor é levado a participar pela imaginação.

O texto literário não precisa necessariamente apontar para a realidade, pois mesmo assim, pode proporcionar a significação no processo interativo da leitura, por sua autonomia e poder de representação de um mundo possível, oferecendo liberdade para o leitor de não estar preso à realidade. As possibilidades de prazer ficam mais evidentes, uma vez que a imaginação mantém-se em execução.

De acordo com Candido (2002), a literatura influi na formação do homem, pois o homem demanda da “ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem”. Desde os tempos antigos que ele busca suprir certa necessidade pelas formas proferidas; de forma oral, visual, ou escrita, por textos literários. Nesse sentido, a literatura tem uma função humanizadora de satisfazer as necessidades psicológicas do indivíduo, seja para fugir da realidade, seja para compreendê-la ou ainda vivenciá-la pela experiência da leitura. Para Candido (2002, p. 82),

as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as histórias policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente.

A relação entre texto e leitor melhora as relações do sujeito no seu espaço social, uma vez que ele capta vivências do outro, compreendendo de forma mais humana pelo poder da literatura de tocar também os sentimentos.

Ao pensarmos ensino de leitura na escola notamos que nem sempre a sala de aula oferece o encontro do aluno com o texto literário. Segundo Rezende (2013), o ensino de literatura, não corriqueiramente, ainda acaba centrado no estudo de história da literatura embasada na sequência cronológica de obras e autores. A leitura de “fragmentos dos textos dos livros didáticos”, “cópias”, “pesquisas sobre autores e obras”, “seminários” que seguem uma ordenação cronológica da literatura acaba ocupando o tempo das aulas, ao invés da leitura da obra ou do texto literário.

Pinheiro (2006), refletindo sobre o uso do livro didático explica que além de trazerem os textos de forma resumida e fragmentada, ainda apresentam autores que pouco dialoga com a realidade dos alunos. Nesse sentido, as informações chegam à turma através das apresentações teóricas de características de estilo de época. Os poemas e os trechos das obras em prosa acabam funcionando como exemplos, que dão veracidade ao que está sendo apresentado no material pelo organizador do livro didático. Além disso, os organizadores

ainda fazem exclusões de grandes escritores que compõem nossa literatura brasileira, objetivando a comercialização dos manuais.

Percebemos a importância dos alunos conhecerem as obras e seus respectivos autores, mas defendemos que tal conhecimento precisa acontecer através do contato com a obra, com o texto na sua completude e não na sua fragmentação. Essas informações extras podem ser apresentadas posteriormente ao trabalho com o texto.

Não é nenhuma novidade que o ensino conduzido apenas pelo livro didático tem prejudicado a aprendizagem dos alunos. Autores como o poeta Augusto dos Anjos, de difícil classificação e enquadramento literário, são mal apresentados.

Observamos certa dificuldade dos alunos de despertar para o gosto da leitura, uma vez que os próprios materiais usados para a aprendizagem na escola desfavorecem o encontro entre texto e o aluno-leitor. Não poderá ocorrer a leitura de qualidade se eles não puderem ler os textos na íntegra, para associar suas experiências de vida e construir sentidos, se o material não ajudar nesse aspecto. Por isso, a metodologia usada pelo professor nas aulas de literatura é de grande importância, para que os alunos tomem conhecimento de autores importantes, que muitas vezes sequer são citados por esses manuais.

Compreendemos que o livro didático é uma ferramenta útil ao professor, quando bem utilizado. Muitas informações que neles são tratadas deveriam ser usadas após o contato do aluno com o texto, de forma a ampliar o aprendizado. Quando refletimos a formação do leitor, não podemos ser ingênuos ao ponto de acharmos que a partir do estudo da historiografia, fragmentos e resumos de obras estaremos ensinando literatura e despertando o aluno para a fruição proporcionada pelo texto literário.

As ideias defendidas por Jauss e Iser com os estudos recepcionais destacaram a importância do contato do leitor com o texto literário no processo da leitura. Isso possibilita uma compreensão do texto literário no que se refere aos aspectos estéticos e históricos, pelas impressões e reações, e, principalmente desperta para a identificação com a literatura, pela vivência com o texto e a obra literária.

Silva (2008) afirma que as práticas de leitura na escola, muitas vezes, vêm sendo desempenhadas apenas com a finalidade de resolver exercícios. Nesse quesito, a importância da literatura e da leitura para a vida vai se desfazendo, porque os alunos constroem uma visão equivocada de que devem ler com o objetivo de fazer atividades. Para Silva (2008, p. 48), “como expressão humana, a literatura conduz ao auto-conhecimento e, por sua natureza ficcional, à imaginação, desenvolvendo um papel preponderante no trabalho com a subjetividade, a sensibilidade e a criatividade do aluno”.

De acordo com Barker e Escarpit (1975, *apud* BORDINI & AGUIAR, 1993), os alunos são sujeitos que leem mais frequentemente, mas quando completam os estudos podem deixar a prática. Para que isso não aconteça é necessário que eles enxerguem a leitura não como “um padrão rotineiro de respostas, automaticamente provocado e realizado”, ou seja, como uma atividade obrigatória, mas como “uma atitude consciente, da disposição de enfrentar o desafio que o texto oferece como nova alternativa existencial” (BORDINI & AGUIAR, 1993, p. 18).

Rios (2008), ao discutir a proficiência de leitura do “aluno/ leitor”, explica que eles apresentam problemas de leitura até no ensino médio, apresentado falhas de “compreensão”. Apoiada em Kato (1990, *apud* RIOS, 2008), ela expõe que a leitura proficiente exige que os sujeitos usem os recursos de *top-down* e *bottom-up*. No recurso *top-down*, o leitor utiliza uma leitura “não-linearmente”, ou seja, não tem dificuldade de entender “as ideias gerais do texto”, porém a compreende de forma superficial, uma vez que não procura confirmar as hipóteses levantadas durante a leitura, já no recurso *bottom-up*, o leitor utiliza a leitura “linearmente”, entretanto produz “sua compreensão” seguindo a risca o que o texto apresenta.

Essa ainda não é a realidade dos alunos do ensino médio que utilizam apenas o *bottom-up*, que nada mais é, do que, a decodificação das palavras e textos. Para Rios (2008, p. 96), “o resultado dessa carência cultural da leitura que abrange, de modo geral, as escolas do nosso país, é, pois, alunos que entram no Ensino Médio sem as condições de leitura ideais para o desenvolvimento da pesquisa e do aprofundamento de conhecimentos”.

Como a eficiência da leitura é adquirível pela ativação de competências e habilidades, ela precisa ser motivada “desde a escola”, mas não como algo obrigatório, e sim, como uma atividade que leva ao prazer, que excite a imaginação do aluno, e, principalmente, desenvolva-o para a reflexão e análise de forma crítica e que insira o sujeito na realidade social. Desse modo, devemos pensar o trabalho com o texto, na sala de aula, de forma planejada, para que possamos aproximar o aluno da leitura e do conhecimento dos aspectos contidos no material, pois afastamos a possibilidade do improviso e, conseqüentemente, os efeitos negativos da leitura.

A intimidade com o texto é importante para que ele saiba quais elementos precisa abordar e o método a ser utilizado, de modo que cativa o aluno numa direção positiva da leitura. Para tanto, se faz necessário que o professor esteja aberto às possibilidades de mudanças de planejamento, em decorrência do percurso das discussões.

Nesse aspecto, a estética da recepção é uma alternativa, dentre as possibilidades, das quais o professor pode lançar mão, já que a teoria valoriza as participações dos alunos na aula

estimulando reflexão e curiosidade. As atividades de escrita, também precisam ser bem pesadas para que a turma possa conhecer mais detalhadamente o texto literário de forma a provocar a leitura de qualidade que a literatura e o texto literário podem potencializar. Para Rios (2008, p. 99),

O texto literário, em suas mais diversas composições, é considerado uma das principais fontes para a formação de leitores proficientes. Contudo, ele, geralmente, não consegue promover sozinho, todos os processamentos necessários para uma leitura proficiente, pois, para que ele possa abranger um número significativo de leitores é importante o planejamento de atividades que, de fato, possam levar o aluno-leitor a aprofundar o nível de leitura do texto.

Considerando a riqueza textual presente na poesia de Augusto dos Anjos, acreditamos que os poemas do escritor podem contribuir no desenvolvimento da leitura proficiente, que tanto precisamos promover na sala de aula com o ensino da literatura possibilitando o professor desenvolver o trabalho de reflexão e análise, de forma que os alunos possam perceber e compreender o texto literário.

O tom dialógico, os termos “estranhos” e o pensamento filosofante de Augusto dos Anjos, a musicalidade dos versos, a linguagem pouco usual na poesia brasileira e tantos outros elementos, podem ser explorados pelo professor nesse trabalho, de forma que os alunos conheçam o texto literário nos seus aspectos constituintes, temáticos e principalmente plurissignificativos.

2 AUGUSTO DOS ANJOS

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu na Paraíba em 1884, no Engenho do Pau Dar'co. Foi estudante de Direito, trabalhou como professor na Paraíba e, posteriormente, no Rio de Janeiro, cidade em que passou a morar de 1910 a 1914. Iniciou na poesia ainda jovem, publicando seu primeiro soneto, "Saudade", no Almanaque do Estado da Paraíba, aos 15 anos de idade. Nele, já era perceptível a inovação poética do autor, pelos termos fortes, nos quais era expresso a sentimentalidade e o poder de criação poética. Após o primeiro soneto foram sucessivas outras publicações de poemas, que intrigaram leitores e críticos não acostumados com seu modo singular de versar, o que acabou ocasionando estranhamento e inquietação no público da época (MAGALHÃES JUNIOR, 1978).

Recolhemos agora diferentes momentos de sua recepção no contexto do século XX e início do século XXI, onde procuramos demonstrar um pouco da repercussão da poesia nesse período, a discussão estética que a envolve, no que concerne a crítica literária e a apresentação de sua poesia nos livros didáticos do ensino médio.

2.1 Diferentes momentos da recepção de Augusto dos Anjos no século XX

O *Eu* foi seu primeiro e único livro, publicado em 1912, graças a um empréstimo financeiro concedido por seu irmão Odilon. Do título em pronome pessoal de cor chamativa ao conteúdo textual, a obra trazia inovação poética pelas palavras que até então, não eram frequentes na poesia e no soneto, forma ainda vigente no contexto da época. Consciente dos efeitos de estilo, o poeta mostrou-se entusiasmado com a repercussão de sua escrita remetendo cartas à mãe, informando a recepção da sua poesia junto aos "críticos e literatos da época". Para Viana (2001, p. 34):

O poeta, com efeito, estava mais interessado na repercussão dos seus poemas entre os críticos e literatos da época do que em ganhar dinheiro com a venda do livro. Nas cartas que trocou com a mãe por esse tempo, não deixava de referir pormenorizadamente tudo o que publicavam sobre o *Eu*, enviando inclusive os recortes jornalísticos em que se comentava a sua estréia. Neles, era já possível perceber a surpresa, o escândalo e também o deslumbramento que o livro provocava.

A expressividade dos vocábulos e a musicalidade inconfundível associada às imagens do putrefeito e do horror, acabaram sensibilizando ouvidos que estavam acostumados com a suavidade tradicional da literatura, que assim satisfazia a necessidade do belo, o que acabou causando o estranhamento pelos termos fortes, “feios” e “desditosos”, usados por Augusto dos Anjos.

Desfamiliarizados com esse campo semântico, os versos do poeta soavam como desilusão e pessimismo perante a representação da vida e do homem, os aprisionando na realidade nua e crua, pela poetização de elementos raros na literatura brasileira, como podemos verificar no poema “Psicologia de um vencido”:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
 Monstro de escuridão e rutilância,
 Sofro, desde a epigênese da infância,
 A influência má dos signos do zodiaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
 Este ambiente me causa repugnância...
 Sobe-me à bôca uma ânsia análoga à ânsia
 Que se escapa da bôca de um cardíaco.

Já o verme - êste operário das ruínas -
 Que o sangue podre das carnificinas
 Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
 E há-de deixar-me apenas os cabelos,
 Na frialdade inorgânica da terra!
 (ANJOS, 1965, p. 60)

O saber “manejar” das palavras trazia pessimismo, idealismo, melancolia e romantismo ao tratar da morte e dos males que atacavam o ser humano. O uso dos termos científicos era utilizado de uma forma nova, não para disseminar conceitos científicos, oriundos do corrente positivista que se propagavam na época, mas para aproximar a poesia do “realismo”, “disposição cognoscitiva” e “misticismo do poeta”.

Nesse sentido, sua poesia acabou recebendo elogios daqueles simpatizantes, que percebiam a particularidade e renovação poética e artística instaurada pelo escritor, como também, estranhamento por aqueles que não conseguiam compreender e se conscientizar da criatividade e literariedade presente na obra. De acordo com Viana (2001, p. 35-36),

Um dos equívocos da crítica foi considerá-lo um bom poeta apesar da estranheza de algumas de suas imagens e do vocabulário inusitado de que se utilizava. Os adeptos ou cultores da poesia científica certamente esperavam

mais um versejador que se utilizasse da linguagem metrificada (confundida com linguagem poética) para divulgar princípios e conceitos da ciência e da filosofia da época. Não compreendiam que o uso subvertido e inusitado dos termos científicos, então valorizados pelo seu potencial de estranheza, contundência semântica e impacto fônico-expressivo, estava a revolução poética trazida por Augusto dos Anjos.

Para Barbosa Filho (2002), estudiosos do início do século como “Álvaro de Carvalho (1920)”, “João Felipe de Sabóia Ribeiro (1926)”, “Artur Ramos (1926)”, “Carlos Burlamaqui Kopke (1946)”, só para citar alguns, acabaram pecando ao tomar como alvo-crítico, “aspectos pré-textuais” que formam a obra do paraibano, deixando de depreender os valores estéticos e estilísticos que se revelavam pelo conteúdo semântico, rítmico e expressivo da linguagem.

Ludibriados, deixaram de perceber a modernidade que esses elementos representavam para a literatura, pelos traços transgressores, em contrapartida, a poesia velha de caráter tradicional, que vigorava na época, em que *Eu* fora publicado.

Houaiss (1976) ao tratar do poeta afirma que o contexto do Brasil no qual se insere sua poesia de Augusto dos Anjos vivenciava a falsa impressão de um suposto período próspero na economia internacional, com a produção do açúcar, do café e da borracha, fruto da proclamação da república, do fim do escravismo no Brasil e da incorporação das ideias filosóficas do positivismo.

O país passava por uma instabilidade econômica, mas que ainda não era vivida pelos intelectuais da época, dotados pela ânsia de saber, mas que, no entanto “apresentavam, por isso mesmo, uma ‘inteligência’ alienada em parte, dilacerada frequentemente, desorientada quase sempre”, (p. 161).

A literatura de influência europeia do período no qual Augusto dos Anjos estava incluído, segundo o estudioso, apontava para um tempo futuro, trazendo sentimentos de desespero, de um momento crítico que culminou na primeira grande Guerra Mundial (1914-1918). A poesia do paraibano, dessa maneira, caracterizava-se pelo misto de formas e estilos, fruto também da convivência do poeta com escritores de “diferentes movimentos literários”.

Segundo Rosenfeld (1976) havia semelhanças consideráveis na linguagem usada por Augusto dos Anjos e a linguagem moderna alemã, mas precisamente com a linguagem dos expressionistas alemães Trakl, Heym e Benn, pela “terminologia clínico-científica”, as “temáticas” e a “visão de mundo e do homem”. Semelhanças essas, mais evidentes entre Augusto dos Anjos e Benn, por tratarem de uma “poesia de necrotério”, quebrarem o convencionalismo burguês e a linguagem literária tradicional.

Machado (1998) também reconhece o direcionamento para o futuro da literatura anjo augustiana afirmando que isso ocasionou um abalo de estilo da poesia vigente, uma vez que a escrita dele demonstrava outro conceito de belo, que muito se distanciava do propagado no início do século XX, cuja leitura quebrava o silêncio presente na estética literária do seu tempo, dizendo que por Augusto ser um leitor de seus próprios poemas, ele soube avaliar criticamente sua própria poesia estabelecendo através dela, uma inovação.

Para Santos (2002, p. 24), existia naquele momento, denominado hoje, como pré-modernismo, uma “imprecisão nas letras brasileiras, que não constituía nenhuma estética literária propriamente dita”. O parnasianismo buscava manter-se num Brasil que já o considerava antiquado comparado ao “simbolismo europeu”, entretanto, ainda mantinha o gosto pela “tradição literária” e acabaram por discriminar a poesia do paraibano uma vez que rompia com o convencional, a “harmonia do homem com a vida”.

Bosi (1972) confirma isso, quando defende a inadequação da “inserção histórica do poeta quer no parnasianismo, quer no simbolismo”. Para o autor, Augusto dos Anjos mostra-se como verdadeiro romântico, pelo espírito naturalista, dramático, idealista e insatisfeito, apesar de não ter “nenhuma convicção amadurecida”. Apresenta valor expressivo que concebem o arcabouço da vida. Uma linguagem nas palavras do crítico, “conatural”.

Nesse sentido, a poesia de Augusto dos Anjos trazia inquietação. Valendo-se das técnicas em uso, o poeta soube inovar ao trazer novos sentidos para a poesia, tratando a realidade como ela é, abordando o homem, pelo lado encantador e repugnante, o que provocou uma quebra de equilíbrio. Segundo Santos (2002, p. 25),

enquanto o discurso parnasiano pregava, entre outras questões, uma possível harmonia entre o homem e a vida, defendendo que o poder positivo da ciência e da inteligência proporcionavam soluções para os problemas sociais, o discurso do poeta paraibano, pontuado de irreverência e transgressão, surgiu iconoclasticamente, rompendo com a suposta imagem harmoniosa entre o indivíduo e a vida.

O poeta instrumentalizou-se de um modelo técnico- formal ainda presente nas letras brasileiras, ao mesmo tempo, em que atribuía uma abordagem diferenciada contra os estilos adotados na época, abrindo sua literatura aos questionamentos, explicados por Santos (2002, p. 26) como “um jogo de aproximação/ distanciamento próprio da estrutura dos textos da modernidade”.

Ao lermos os versos de Augusto dos Anjos percebemos um poeta que se preocupa com os males ideológicos que arruinam o homem. Augusto dos Anjos deu voz à dor e ao descontentamento que invade e leva o sujeito à desilusão, às doenças e as ruínas da morte. Por apresentar essa questão, seus versos foram rejeitados pelos adeptos da tradição poética, que cultuavam a poesia da forma e que expressavam aquilo que os estudiosos estavam acostumados a ler e a ouvir, ou seja, a literatura que refletia os sonhos e as idealizações individuais de uma parte da sociedade, que era tomada como modelo poético.

Influenciados por essa estética do tradicional, o acolhimento dessa poesia se deu pela quebra de expectativas da retratação social que nele estava presente. Os títulos chamativos provocaram à ruptura de expectativas daqueles que acreditavam no estabelecimento da relação harmoniosa deles com os respectivos poemas correspondentes e que eram perpassados por “comparações”, “ironias” e “metáforas”. Para Santos (2002, p. 27),

parece crível que, no *Eu*, o que se faz repetir da *Arte pela Arte* é tão somente a estrutura dos versos, a métrica e a rima, o que passa a ser diferenciada pela formação discursiva que nele se manifesta. Aquilo que refletia um suposto “sorriso da sociedade” substituiu-se por uma linguagem hedionda, grotesca, intempestiva. O poeta não quis tirar o chapéu para o sistema literário até então em uso. Preferiu absorver as dores dos miseráveis, dos mais sofridos, de maneira que participa, em seus *centros nervosos*, desde as *cadelas desenganadas* aos *homens bexigosos*.

Segundo Barbosa Filho (2002), existia na poesia do escritor, uma dualidade frente à compreensão da finitude do homem, uma vez que ele deixa-se influenciar pela teoria filosófica do evolucionismo de Herbert Spencer, como também é induzido pelo subjetivismo espiritual, o que faz com que Augusto dos Anjos critique em alguns dos seus poemas o racionalismo existente na época. Conforme o autor é essa dualidade de tensão que insere o poeta na modernidade.

A obra, por entrecruzar várias tendências literárias, mas sem se enquadrar em nenhuma especificamente estabelece segundo Barbosa Filho (2002), “a abertura da modernidade brasileira”, pois quebrou a concepção de arte que era compreendida naquele contexto histórico e por isso possibilitou o estranhamento da poesia do escritor.

2.2 A recepção escolar de Augusto dos Anjos no início do século XXI

Augusto é lembrado como poeta da morte e da melancolia, mas também das “múltiplas faces”, para usarmos o termo de Viana (2002). Estudos mais recentes acerca de sua obra reconhecem o tom “humorístico”, “irônico” e “amoroso” presente na poética do autor. Um Augusto que muitos não conhecem, seja pela desfamiliarização com os poemas do escritor que não consta no *Eu e outras poesias*, seja pela imagem construída a partir dos poemas mais lembrados dele, a exemplo de “Versos Íntimos”, que a nosso ver, é um dos mais conhecidos popularmente. Estudos recentes revelam como Augusto dos Anjos é apresentado nos livros didáticos que circulam nas salas de aula das escolas brasileiras.

Almeida em *A face otimista da poesia de Augusto dos Anjos* (2012) discute os poemas de viés otimista da obra completa do poeta paraibano, se tais poemas são apresentados nos livros didáticos do 3º ano do ensino médio e expõe uma “experiência de leitura e recepção de poemas” da poesia do autor numa escola pública da Paraíba.

A autora destaca que grande parte dos estudantes chega ao final do ensino médio sem conhecer a “face otimista” da poesia augustiana, uma vez que os manuais didáticos prendem-se aos “poemas consagrados pelo cânone”, estimulando a construção da imagem de um Augusto “pessimista, cientificista e melancólico”, causando nesse público, admiração ou antipatia frente a poesia do poeta.

Ao selecionar e analisar onze livros didáticos do 3º ano do ensino médio, a autora mostra que alguns manuais apresentam Augusto dos Anjos como pré-modernista e alguns informam o “sincretismo” da poesia do poeta com outras escolas literárias - o parnasianismo e o simbolismo - e a relação com as vanguardas europeias- expressionismo e impressionismo.

Para Almeida (2012), o poeta paraibano “não seguiu nenhum grupo literário, o que ele seguiu foram momentos em que as escolas literárias estavam em voga”, que resultaram numa poesia “independente” e lhe rendeu o “título de poeta singular”, (89-70). Além disso, reconhece as ligações da poesia augustiana apresentada nos livros didáticos, com as vanguardas europeias, por haver críticos que afirmam tal semelhança.

Dos livros didáticos analisados pela autora, poucos faziam referência ao contexto histórico do qual o poeta fez parte, cuja apresentação poderia ajudar na compreensão da poesia. Os demais, ou seja, a maioria dos outros livros apresentaram dados biográficos, características de estilo “ou com a relação historiográfica com algumas escolas literárias”. Essas informações estavam relacionadas à vertente “pessimista, melancólica e cientificista” provocando, desta forma, compreensões parciais de sua poesia. Para a autora,

o estilo, marcado pelas características de sua poesia, também é recorrente como forma de apresentação, porém ao privilegiar algumas de suas faces, seja pessimista, cientificista, melancólica, ou outra, o livro pode limitar a imagem do poeta e restringir a sua poesia a alguns elementos que se sobressaem se não se preocupar em explorar o máximo possível desses vieses. Sendo assim, o uso da biografia, do contexto histórico e a menção ao estilo estético servem como ponte que relacionam o poeta à sua obra, o que seria mais pertinente se fossem tratados como ponte de apoio *a posteriori* e não *a priori* como chave de entrada para os textos literários (ALMEIDA, 2012, p.73).

Como afirma a autora, as abordagens feitas acerca do poeta nos livros didáticos acabam por interferir na visão do aluno acerca de sua poesia. Quando o aluno tem a apresentação prévia da “biografia, do contexto histórico e a menção ao estilo de época”, antes de se relacionar com a poesia do autor, ele chega ao texto com uma impressão “formada” acerca da escrita, que interferem diretamente na leitura do texto. É necessário o contato com a poesia, a leitura dos poemas, antes dessas informações, já que isso é o que possibilita o aprendizado acerca do escritor e da sua lírica.

O enfoque parcial era ainda mais reforçado pelos subtítulos presentes nos manuais, que nomeavam a poesia do paraibano, como: “Augusto dos Anjos e sua poesia expressionista”, “Augusto dos Anjos: o átomo e o cosmo”, “Augusto dos Anjos: poeta pessimista e enigmático”, “Augusto dos Anjos: vida e produção” que estavam ligados às informações que traduzem um Augusto que muitos tendem a repelir, sendo reforçado pelos poemas que exemplificam as características do estilo do poeta.

Esses subtítulos criavam uma rotulagem acerca do autor e da sua obra, interferindo diretamente no olhar do aluno diante da poesia. Para Almeida (2012, p. 74),

Ao estudar características particulares do poeta, deixa-se de ter um conhecimento mais amplo e aprofundado de outros temas de sua poesia. É evidente que os livros que não apresentam subtítulos também estão sujeitos a esse mesmo problema, porém vale ressaltar que o posicionamento explícito que estes rótulos tomam, acabam por limitar e prestigiar elementos em detrimento de outros e influenciar a visão que o aluno terá do poeta e da sua poesia, se este não procurar ampliar seus conhecimentos.

Percebemos que assim como no passado, Augusto continua a ser “mau visto”, pelas rotulagens que contemplam apenas uma face de sua poesia. Um poeta que de acordo com Houaiss (1976, p.164), “propendeu para um fonetismo pouco corrente ao normal da língua portuguesa no Brasil”. Tais rotulagens acabam por desestimular leitores que não simpatizam com o poeta “pessimista, melancólico e cientificista”, que inovou pela forma particular do uso

da linguagem, criando novos significados na poesia de seu tempo, cuja violência semântica dos versos, “agredia os ouvidos” dos leitores da sua época assim como ainda na atualidade, como no poema “Insânia de um simples”:

Em cismas patológicas insanas,
 É-me grato adstringir-me, na hierarquia
 Das formas vivas, à categoria
 Das organizações liliputianas;

Ser semelhante aos zoófitos e às lianas,
 Ter o destino de uma larva fria,
 Deixar enfim na cloaca mais sombria
 Êste feixe de células humanas!

E quando arremendado Eolo iracundo,
 Na orgia heliogabálica do mundo,
 Ganem todos os vícios de uma vez,

Apraz-me, adstricto ao triângulo mesquinho
 De um delta humilde, apodrecer sòzinho
 No silêncio de minha pequenez!
 (ANJOS, 1965, p.95)

Nesse sentido, observamos que os termos extravagantes, científicos, eruditos e vulgares, associados ao conteúdo ideológico que perpassa essa poesia trazem valor a poesia augustiana.

Os versos de Augusto dos Anjos mostram a realidade de forma escancarada, do mundo e do homem envolvendo-os desde os elementos constitutivos, aos conceitos que o adoecem e o reduzem, ou seja, que demonstram sua verdadeira colocação no mundo, abrindo os olhos do sujeito frente a realidade, colocando em questão suas convicções, suas ideologias.

Por isso mesmo, ressaltamos a importância da leitura dos poemas do autor na sala de aula, uma vez que essa poesia pode ajudar o aluno a desenvolver seu olhar crítico frente a realidade que o cerca.

3 A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS NA SALA DE AULA

No capítulo a seguir apresentaremos nossa experiência com a poesia de Augusto dos Anjos na sala de aula, numa turma de 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande e comentaremos a recepção dos poemas do autor na sala de aula.

3.1 A sequência básica: uma das alternativas no trabalho com o texto literário

Cosson (2009), discutindo o letramento literário na escola, apresenta a sequência básica como uma das alternativas, das quais o professor pode lançar mão para o trabalho com a leitura na escola. Constituída por quatro etapas, ela pode auxiliar no planejamento e sistematização de atividades na sala de aula.

De acordo com o autor, a primeira etapa – “motivação” – objetiva “preparar o leitor para receber o texto”, instigando os alunos para o processo da leitura. É importante que a proposta estabeleça elos com o texto para seu sucesso.

A segunda etapa – “introdução” – é o momento no qual o autor e a obra serão expostos aos alunos. Nela se pretende apresentar “informações básicas”, de preferência relacionadas ao texto ou obra literária que possam ajudar no processo da leitura.

A terceira etapa – “leitura” – será o encontro do leitor com o texto, ou seja, o momento no qual acontecerá a leitura propriamente dita, sendo imprescindível que o professor busque acompanhar as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a leitura, procurando ajudá-los a solucioná-las, para que a ela tenha continuidade.

A quarta e última etapa – “interpretação” – é constituída por dois momentos: um interior e outro exterior. No momento interior, o leitor passará a conhecer de forma ampla e individual o texto, através do contato direto com o material, e sobre hipótese alguma “pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico” (COSSON, 2009, p. 65) que vise representar o texto original. Já o exterior, destina-se a interpretação propriamente dita, a participação da escola no letramento literário, pela reflexão e partilhamento da leitura, de forma oral e escrita, para que “coletivamente” os “horizontes de leitura” sejam fortalecidos e ampliados. A materialidade escrita da interpretação, ou seja, o registro da atividade pode diversificar, uma vez que vai depender da “idade” e “série escolar” dos alunos.

Nesse sentido, a sequência básica conforme defende o autor auxilia na construção do letramento literário na escola contribuindo na formação de leitores, como também favorece no desenvolvimento da leitura qualitativa, pois possibilita, através da sistematização das atividades, a observação das dificuldades dos alunos, buscando resolvê-las, os motivando, desse modo, para o encontro e fruição da leitura.

3.2 A experiência de ensino e a recepção dos alunos

Pensando na recepção da poesia de Augusto dos Anjos na sala de aula e nas contribuições que ela pode proporcionar aos alunos do ensino médio desenvolvemos uma intervenção na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Campina Grande (PB), a fim de compreendermos e vivenciarmos os efeitos da lírica do poeta nos jovens da atualidade. Para tanto, nos apoiamos na teoria da estética da recepção de Jauss (1994) e Iser (1979) para desenvolvermos nossas atividades, como também na noção de sequência básica de Cosson (2009), para a leitura literária na escola.

Nossa experiência teve duração de 5 aulas (3 horas e 45 minutos) e foi planejada a partir de quatro poemas do escritor (vide anexo 3): “Budismo Moderno”, “Idealismo”, “Soneto” e “Versos de Amor” extraídos do livro *Eu* (1965), através do qual organizamos nossas atividades dentro da proposta de sequência didática (vide anexo 1), para uma turma de 3º ano do nível médio, do turno da tarde, composta de dezesseis alunos com faixa etária de 14 a 17 anos.

Nossa intenção era proporcionar a esse público o encontro com a poética de Augusto dos Anjos, bem como favorecer a compreensão crítica e reflexiva da poesia e das temáticas que as perpassam, além de observar os efeitos dos poemas no aluno-leitor.

A primeira aula foi destinada a motivação e introdução da obra e do autor conforme defende Cosson (2009). Iniciamos a motivação sondando os alunos acerca da poética de Augusto dos Anjos, para despertar a curiosidade da turma acerca da poesia de Augusto dos Anjos e sabermos se havia algum conhecimento prévio nesse público sobre autor e sua lírica, de forma que nos auxiliasse no trabalho com a poesia na sala de aula.

Para tanto, fizemos algumas perguntas para a turma: se eles conheciam algum poema, se já tinham lido ou ouvido alguma coisa relacionado ao autor ou a obra *Eu*. Alguns dos

alunos afirmaram que sim, que sabiam da existência do autor, porém ainda não conheciam seus poemas, pois não tinham estudado o autor na escola.

A partir de tal afirmação procuramos excitá-los para leitura dos poemas de Augusto dos Anjos, através do próprio texto do escritor. Distribuimos o poema “Versos de Amor” e solicitamos que eles fizessem uma leitura individual, para que através dela eles se familiarizassem com a escrita de Augusto dos Anjos.

A atividade foi realizada e logo depois fizemos uma segunda leitura coletivamente conforme defende Colomer (2007) de que o compartilhamento da obra, no nosso caso, do texto literário, possibilita que os alunos aprendam juntos, por meio das habilidades individuais que socializadas contribuem na construção do sentido, permitindo também, que os alunos percebessem que pertencem a uma comunidade. Em seguida questionamos as impressões dos alunos sobre o poema. Perguntamos à turma se eles tinham gostado do texto, e da forma como o autor tratava da temática. Com uma resposta superficial, uns afirmaram que sim, e outros afirmaram que não, porque não tinham entendido o poema.

Como nosso propósito era fazer com que os alunos se aproximassem do poema “Versos de Amor”, e isso só poderia se dar através da compreensão do mesmo, nos apoiamos na teoria de Iser (1979) de que o texto literário contém lacunas que precisam ser preenchidas pelo leitor, através da relação interativa com o texto, para a construção do significado, e que esse pode se mostrar diferente para os leitores. Fizemos um círculo na sala de aula para que pudessemos comentar e discutir o poema, nos seus aspectos temáticos coletivamente, e para que juntos, através das contribuições dos comentários da turma, os alunos fossem construindo a interpretação textual.

A discussão fluiu bem e em pouco tempo a turma estava comentado a forma como o poeta concebia o amor. Chamamos à atenção sobre o destinatário do poema: “A um poeta erótico”, para que eles pudessem perceber a oposição amor carnal *versus* amor espiritual. Pedimos então, que eles fizessem uma relação com a realidade questionando se eles percebiam alguma diferença do amor tratado do poema e do amor da atualidade, como eles conheciam. Nosso objetivo era despertar e promover, a reflexão e a criticidade da turma.

Após isso, introduzimos o poeta Augusto dos Anjos e a obra *Eu*. Para não cairmos no biografismo, expomos algumas informações básicas acerca do livro e do poeta: data e cidade de nascimento, lugares de vivência do escritor, ano e cidade de lançamento da obra, e depois apresentamos fisicamente o livro, passando às mãos dos alunos, para que pudessem manusear e observá-lo detalhadamente.

Os alunos se mostraram interessados pela obra e um deles perguntou como o *Eu* tinha sido adquirido, já que a obra era de 1965 e apresentava sinais de desgaste. Um dos alunos afirmou que ele deveria ter um custo alto, já que não era mais publicada nessa versão. Isso nos chamou à atenção, pois eles haviam notado que se tratava de um livro que tinha certa representatividade e valor cultural dentro da literatura.

Feito isto, comentamos o que a obra representou para o contexto da época destacando a inovação que a poesia do escritor causou no momento histórico e os elementos formais que se sobressaíam nessa poesia de forma geral: como a musicalidade, o uso dos decassílabos, e a forma do soneto. Devido ao pouco tempo que nos foi disponibilizado com a turma, não nos aprofundamos no estudo dos aspectos formais dos textos, apesar de reconhecermos a importância no trabalho com o texto poético.

Na segunda aula, trabalhamos o poema “Budismo moderno”, ainda com o intuito de promover o encontro da turma com a poesia de Augusto. Distribuimos o texto e pedimos para que os alunos fizessem uma leitura individual e logo depois fizemos a leitura coletiva e passamos a questionar os alunos.

Uma vez afirmado que houve dificuldades na compreensão do poema, pois os alunos afirmaram que havia muitas palavras desconhecidas seguimos as orientações de Cosson (2009) de que o professor precisa ajudar os alunos nas “dificuldades” da leitura, para que essa tenha continuidade, e nas orientações de Iser (1979) sobre os vazios do texto. Colocamos na lousa, as palavras incomuns e expomos seus respectivos significados.

Os alunos copiaram as informações e então pedimos que eles lessem o texto novamente, desta vez buscando compreendê-lo, pois assim eles poderiam chegar à interação textual. Depois da terceira leitura passamos a comentar e discutir o poema juntos. Refletimos o título do poema, tratamos da temática e a turma comentou interpretativamente o texto.

Na terceira aula levamos o poema “Soneto”, desta vez procuramos possibilitar a leitura de um poema que trouxesse mais explicitamente, a semântica forte que caracteriza a singularidade da escrita de Augusto dos Anjos, para que a turma percebesse a inovação poética que ela representava para o contexto da época, como também, para podermos observar a reação da turma frente a esse tipo de linguagem.

Seguindo o mesmo processo distribuimos o poema e fizemos duas leituras, uma individual e outra coletiva. Depois disso, realizamos conjuntamente com os alunos a análise do texto. Ao longo das discussões efetuamos algumas perguntas para a turma: O filho mencionado no poema é o filho do eu lírico? O que um poema desse representava para a época em que foi publicado? E na atualidade provoca o mesmo efeito? Quem concorda?

Quem discorda e por quê? Nosso objetivo era fazer com que os alunos buscassem compreender o texto e provocar a discussão mais profunda do poema.

Durante a discussão procuramos situar o contexto histórico do poema, já que ele vinha datado: “1911” e questionamos o que aquela linguagem representava para a sociedade da época estimulando os alunos a perceberem a inovação e modernidade da poesia do escritor.

A quarta aula foi planejada para a interpretação coletiva seguindo a ideia de Colomer (2007, p. 144) de que “as atividades de compartilhar são as que melhor respondem a esse antigo objetivo de ‘formar o gosto’ (...)”, e escrita do poema “Idealismo”. Para tanto, elaboramos uma atividade com uma questão que contemplavam seis perguntas abertas (vide anexo 2), nas quais os alunos iriam inserir seus comentários interpretativos a partir da noção de interpretação de Cosson (2009, p. 64) de que a “interpretação parte do entrecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”, além de questionamentos acerca do poema, como forma de fazer que os alunos se empenhassem na busca do significado do texto.

Como nas aulas anteriores, fizemos a leitura individual do poema “Idealismo” e depois coletiva do poema. Perguntamos aos alunos se eles tiveram problemas para entender o texto, alguns afirmaram que não, porque havia o vocabulário (colocamos para ajudá-los durante a leitura); outros permaneceram calados.

Depois disso, pedimos para que a turma comentasse coletivamente o poema. Nosso propósito era fazer com que juntos eles ampliassem os sentidos da leitura que cada um tinha formado individualmente, progredindo na leitura através da colaboração exterior, ou seja, da leitura compartilhada.

Por fim, na quinta aula, lemos e explicamos a atividade que já havia sido distribuída no início, juntamente com o poema e solicitamos que eles respondessem. Na atividade escrita (vide anexo 1) os alunos explorariam os sentidos do texto, através dos seus elementos internos e as contribuições externas do partilhamento da leitura realizada na sala de aula, por meio de questões reflexivas de interpretação e análise de forma que, favorecesse a aprendizagem, como também concretizarem por escrito, as impressões da poesia do poeta Augusto dos Anjos e serem usadas como *corpus* de análise do nosso trabalho.

Como pretendíamos analisar a recepção da poética do escritor elaboramos questões abertas, pois assim poderíamos fazer com que os alunos expusessem suas impressões, depois do trabalho desenvolvido com a turma.

A partir de um enunciado que contextualizava o que a poesia do autor significou dentro da poesia, bem como introduzia o poema “Idealismo” usado na atividade, elaboramos seis questionamentos.

Primeiro indagamos acerca da temática do poema e pedimos para que a resposta fosse explicada com base em um trecho do texto. Analisando as respostas da turma podemos verificar que, a maioria dos alunos conseguiu reconhecer a tema do amor, bem como, a crítica presente no poema, ao “amor que a Humanidade inspira”, ou seja, ao amor motivado pelo interesse físico e material, voltado aos prazeres carnis e financeiros. Conforme podemos observar no exemplo 1 (vide anexo 4): “ O amor idealizado mas não de uma forma melosa. E sim de uma forma verdadeira e ‘pura’ como ele deveria ser, sem apenas muitas vezes essa parte carnal, física e de interesse financeiro” e copiou a segunda estrofe do poema. “o amor! Quando virei por fim a amá-lo?!/ Quando, se o amor que a Humanidade inspira/ É o amor do sibarita e da hetaira/ De Messalina e de Sardanapalo?!”.

Podemos observar que o aluno ao responder a questão acionou seu sistema-histórico-literário e relacionou à abordagem do tema ao amor corrente na sociedade, em épocas anteriores, como também na atualidade. Ao reconhecer essa questão, apenas copiou o trecho do poema sem estabelecer conexão, nem contextualização com a resposta. Apesar de não ser nosso objetivo, nesse trabalho analisar os procedimentos de redação, julgamos necessário comentar o fato, já que a questão envolvia o processo.

Na letra “b” tratamos da linguagem do poema e chamamos à atenção aos termos usados pelo escritor na abordagem do tema. Nosso objetivo com essa pergunta era fazer com que os alunos refletissem acerca da inovação poética instaurada pelo escritor, a partir da observação do campo semântico do texto.

Percebemos que alguns dos alunos influenciados pelas nossas discussões, ao identificarem as palavras relacionaram o uso dos termos a forma com que o poeta tratava a realidade, ou seja, tais termos significavam efetivamente o que ele queria expressar, como podemos observa no exemplo 2 (vide anexo 4): “Sepulcro, mister, coveiro. Na época onde poemas se tratavam de romances doces, e vidas felizes, o autor tratava da realidade de forma lúcida e com palavras que pudessem realmente representar os temores, pesadelos, ânsias e desejos do homem de forma fiel”.

Julgamos pertinente a resposta do aluno, uma vez que ele conseguiu fazer uma comparação com a linguagem usada “na época”, ou seja, ele deixou implícito que compreendeu que se tratava de uma linguagem moderna para o momento histórico-literário.

Outros, ao responderem ao questionamento, apenas copiaram as palavras do vocabulário que colocamos na atividade para facilitar a leitura e a compreensão do poema, como no exemplo 3 (vide anexo 4): “Sibarita- representa antiga colônia grega no sul da Itália/ Hetaíara- representa cortesã de beleza excepcional na sociedade grega/ Messalina- representa a mulher do imperador romano/ Sardanapalo- representa pessoa que leva uma vida luxuosa e dissoluta como o rei”.

A partir dessa resposta observamos que o aluno apenas copiou os termos que julgou “estranho” e os significados que colocamos na atividade, sem fazer a relação interpretativa com o texto.

Ainda no campo da linguagem, a letra “c” questionava os termos “diferentes”, ou seja, a linguagem incomum de Augusto dos Anjos. Pretendíamos investigar se os alunos foram seduzidos pela linguagem do poeta considerada pelos críticos da literatura, como inovadora dentro da poesia brasileira, como afirma Viana (2001) ela representava uma “revolução poética”.

Observando as respostas da turma comprovamos que eles demonstraram gosto pelo estilo do autor, pois perceberam que através dela podiam enriquecer o vocabulário, afirmando que apesar de serem incomuns, eram de uso “fácil”, como podemos observar no exemplo 4 (vide anexo 4): “Sim, pois através dessas palavras fico com o vocabulário mais rico, e também dão palavras bem diferentes com aplicações fáceis”.

Outros percebendo esse uso dos termos, a partir de um contexto mais amplo concluíram que através dessa linguagem particular o poeta dava realidade a abordagem dos temas, como destacou o aluno no exemplo 5 (vide anexo 4) : “Sim, por ele não fantasiar sobre o tema seja a morte, o amor ou outro. Ele fala, retrata e explica de uma forma verdadeira e como realmente é”.

Na letra “d” buscamos averiguar se os alunos percebiam a crítica do poeta a humanidade, e se conseguiam compreender, que por meio do discurso literário sobre determinados temas, podemos melhorar nossas relações humanas na sociedade, conforme explica Cândido (2002).

Das respostas obtidas, a maioria dos alunos percebeu o olhar crítico, mas apenas três deles conseguiu relacionar à crítica a realidade destacando os aspectos reflexivos que o autor tratou das relações humanas. No exemplo 6 (vide anexo 4) o aluno respondeu: “Ele faz uma crítica ao amor. Pois ele vê que o amor não é só aquele mar de rosas, mais também existem espinhos. E para relacionarmos melhor com as outras pessoas, precisamos ama-las, ou apenas ter a amizade dela”. No exemplo 7 (vide anexo 4) o aluno escreveu: “Ele faz uma crítica ao

amor da humanidade. Sim, porque ele mostra a realidade, ele tem consciência de que o amor nem sempre é verdadeiro e passa essa visão para os leitores”. Já no exemplo 8 (vide anexo 4) obtivemos a seguinte resposta: “ Ele fala sobre a ligação sibarita e hetaíra, que representa um romance entre pessoas ligadas por prazeres carnavais por exemplo. Também sobre a relação por interesse e cheio de adultérios. Sim, ajuda, explica como funcionam até os relacionamentos em geral da atualidade”.

No exemplo 6, podemos verificar que o aluno ao refletir a crítica do autor conseguiu inferir, de forma positiva, como as relações humanas nas questões afetivas deveriam acontecer, a partir da associação da abordagem do autor com a atualidade. O exemplo 7 (vide anexo 5) demonstra que o aluno percebeu certa veracidade na crítica do poeta e que isso é transmitido ao leitor, enquanto que no exemplo 8, ficou claro que ele relacionou o texto a atualidade, o que nos faz concluir que o aluno conseguiu desenvolver a leitura interativa defendida por Iser (1979), extraindo dela uma experiência que o levou a construir um significado.

Na letra “e” pedia que os alunos fizessem uma análise comparativa das “relações afetivas” do texto, com temas da atualidade, de forma que fosse construído um olhar crítico sobre isso, para que eles perceberem que apesar do texto ser de um século atrás seu conteúdo evidencia a atemporalidade do poeta frente a abordagem do tema.

Podemos comprovar que a turma atingiu o objetivo do nosso questionamento, já que grande parte afirmou a semelhança das relações humanas expressa no poema com as que vivenciamos na nossa atualidade, como podemos observar no exemplo 9 (vide anexo 4): “Sim, na atualidade, embora novas diversidades e práticas, o conceito do amor e os sentimentos ainda são os mesmo. Na atualidade acontecem adultérios, relações por interesse e os prazeres carnavais igual na época”.

Por fim, a última pergunta da atividade, questionamos sobre a importância da poesia de Augusto dos Anjos nas aulas de literatura e se ela poesia deveria ser mais estudada nessa disciplina.

O resultado foi satisfatório, pois a maioria atribuiu pertinência ao estudo da poesia do autor, pelo estilo com que ele tratou temáticas que nem sempre damos atenção, a exemplo da morte, com também pela singularidade da sua poética, expresso no exemplo 10 (vide anexo 4): “Sim, nos ajuda a discutir sobre determinados temas que não damos a verdadeira importância na nossa vida, como a morte por exemplo, que não falamos sobre ela normalmente”, como também no exemplo 11 (vide anexo 4): “Sim. porque a poesia dele é

diferente das poesias dos demais, ele não segue os mesmos ‘padrões’ que os outros, conhecemos um novo tipo de linguagem e aprendemos a interpretar poemas”.

Com isso, percebemos que do poeta tratar a poesia levou os alunos a refletirem sobre o tema abordado no texto, percebendo que Augusto dos Anjos tem um estilo próprio e que deve ser estudado na sala de aula. Uma vez que percebido isso, pode suscitar o gosto de alunos por textos que se diferenciam dos tradicionais, pois há na poesia do paraibano um lado encantador, que justifica os diversos trabalhos que são voltados ao estudo de sua obra.

Propomos a sequência que elaboramos como uma sugestão e possibilidade de trabalho, uma vez que nos ajudou a desenvolver um trabalho de leitura dos poemas do autor de forma sistematizada conjuntamente com a estética da recepção e sua significativa contribuição no estudo do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisarmos a recepção da poesia de Augusto dos Anjos pelos alunos do ensino médio, através de um processo que favorecesse o encontro com a poesia augustiana, por meio da discussão e reflexão dos temas que perpassam a poesia do escritor, bem como sua representatividade dentro da poesia brasileira.

Para tanto, desenvolvemos nosso trabalho na sala de aula a partir de quatro poemas do escritor, a fim de que os alunos pudessem ler e estudar sua poesia atentando para as temáticas dos textos, bem como o que eles apresentavam de diferente e inovador.

Acreditamos que alcançamos nosso propósito, já que desenvolvemos conseguimos desenvolver nossa sequência básica com a turma do terceiro ano, promovendo a leitura compartilhada e reflexiva dos poemas de Augusto dos Anjos na sala de aula, apesar das dificuldades de leitura enfrentadas por uma parte da turma, no que tange a linguagem do escritor.

Defendemos que a poesia de Augusto dos Anjos pode auxiliar o professor de literatura a desenvolver as competências de leitura e o letramento literário do aluno, pela riqueza textual que os poemas apresentam, conforme defende Colomer (2007) que os textos a serem explorados na escola apresentar certo grau de dificuldade, uma vez que proporciona o esforço na busca do sentido, promovendo desse modo a busca na construção do sentido e conseqüentemente favorecendo a aprendizagem, a leitura, a interpretação.

Além disso, em estudos que explorem, por exemplo, a musicalidade da poesia do escritor; a estrutura dos versos que fogem dos padrões tradicionais, considerando o momento histórico ao qual a obra foi publicada; os aspectos dialógicos dos versos, num trabalho voltado a arte teatral; e principalmente, na leitura que possibilite o desenvolvimento da criticidade, da reflexão, do compartilhamento da leitura, da associação do texto a realidade, de forma que ajude o aluno a sentir o prazer da leitura, já que esta é fundamental para que eles compreendam o mundo que os cerca.

Consideramos que o ensino da literatura, conforme defende Pinheiro (2009) deveria privilegiar e focalizar o estudo do texto para a formação de leitores, no sentido estrito da palavra. Só assim, poderemos desenvolver um ensino qualitativo, que possibilite o sujeito perceber a riqueza da leitura e suas implicações na vida prática, como afirma Rios (2008, p.103), “para que nossos alunos possam usufruir significativamente desse processo, faz-se necessário que as instituições de ensino e seus professores reconheçam todo esse processo de

leitura e valorização literária, colocando-a em prática a partir dos textos que seleciona e produz”.

Nesse sentido, a teoria da estética da recepção pode ser uma das alternativas metodológicas, das quais o professor de literatura pode se instrumentalizar, uma vez que ela favorece um trabalho direcionado ao leitor e, conseqüentemente, valoriza os aspectos que envolvem a leitura do aluno, a partir dos seus conhecimentos prévios e adquiridos com a nova leitura, privilegiando, desse modo, um estudo direcionado do texto.

Dessa forma, esse trabalho se propõe a contribuir com a valorização da leitura literária na escola, favorecendo a aprendizagem e o gosto por essa prática, ajudando o aluno a reconhecer a importância da leitura na sua formação escolar e cultural.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias e poemas esquecidos**. Texto e nota: Antonio Houaiss. 30^a. ed. Rio de Janeiro, Livraria São José. 1965.

ALMEIDA, Verucci Domingos de. **A face otimista de Augusto dos Anjos**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades. Campina Grande, 2012.

AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARBOSA FILHO, Hidelberto. Augusto dos Anjos: poesia e modernidade. In: **Eu, cem anos de poesia**. ANAIS do I Congresso de Literatura: I CONALI. João Pessoa. Ideia, 2012, (p. 896-902).

_____. Augusto dos Anjos e a história literária. In. **Essa mecânica nefasta- O EU e os outros**. João Pessoa: Ideia, 2014.

_____. O EU e os Olhares críticos. In. **Essa mecânica nefasta- O EU e os outros**. João Pessoa: Ideia, 2014.

BOSI, Alfredo de. Augusto dos Anjos. In. **A literatura brasileira: o pré- modernismo**. São Paulo: Cultrix. 3^a ed. 1972, v 5.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades. ed. 34, 2002.

COLOMER, Teresa. Ler com os outros. In. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. [Tradução: Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. Ed. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. A sequência básica. In: **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed. 3^a reimpressão, São Paulo: contexto, 2009.

HOUAISS, Antônio. Sobre Augusto dos Anjos. In: **Drummond mais seis poetas e um problema**. ed. Imago. Rio de Janeiro, 1976, (159-165).

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. Série temas. Vol. 36. Estudos literários. ed. Ática. S. A. São Paulo, 1994.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aithesis e katharsis. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. 2ª. ed. corrig. e aumen., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1978, (p. 13- 23).

MENDONÇA, Maria Zélia Versiani. **O EU e o Outro: A Recepção crítica de Augusto dos Anjos**. Belo Horizonte. Vol. 2. Dez. 1998 (p. 135-142). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2002/Maria%20Z%20C3%A9lia%20Versiani%20Machado.pdf> Acesso em: 22 de out de 2014.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em literatura e ensino: a contribuição da estética da recepção. In. ARANHA, Simone Dália de Gusmão. PEREIRA, Tânia Maria Augusto. ALMEIDA, Maria de Lurdes Leandro (orgs.). **Gêneros e linguagem: diálogos abertos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

_____. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In. BUNZEN, Clécio. MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia. REZENDE, Neide Luzia de. FALEIROS- JOVER, Rita. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

RIOS, Sanyheire Irineu de Araújo. Formação de leitores proficientes. In: PINHEIRO, Hélder. PEREIRA, Jaquelânia Aristides. SILVA, Valdênia Maria da. NETO, Miguel Leocádio Araújo. (ogs). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In. **Texto/ contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTOS, Derivaldo dos. **Augusto dos Anjos: uma lâmina do tempo**. João Pessoa: Idéia, 2002. (p. 23-34).

SILVA, Valdênia Maria da. Motivações para a leitura literária no ensino médio. In: PINHEIRO, Hélder. PEREIRA, Jaquelânia Aristides. SILVA, Valdênia Maria da. NETO, Miguel Leocádio Araújo. (ogs). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

VIANA, Chico. As múltiplas faces do EU, de Augusto dos Anjos. In. RIBEIRO NETO, Amador (org.). **Literatura na universidade: ensaios**, João Pessoa: Ideia, 2001.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Estética da recepção. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

ANEXO 1

Proposta de sequência básica

Público alvo: alunos do 3º ano do ensino médio, de uma escola pública de Campina Grande, PB.

Objetivo geral: ler e discutir quatro poemas de Augusto dos Anjos buscando favorecer a compreensão crítica e reflexiva da poesia do poeta e das temáticas que as envolvem.

Objetivos específicos:

- Ler os poemas: “Budismo moderno”, “Idealismo”, “Soneto” e “Versos de amor” (vide anexo 3);
- Refletir a linguagem empregada pelo escritor nos poemas;
- Discutir as temáticas do amor e da morte presente nos textos.

Justificativa

Augusto dos Anjos ao longo dos anos vem recebendo cada vez mais destaque dentro da poesia brasileira, seja pela forma singular de tratar temáticas que inquietam o ser humano, seja pelos recursos estilísticos que escreveu seus poemas.

A partir disso, acreditamos que a poesia do escritor pode despertar o leitor para a literatura brasileira, pela expressividade inconfundível de sua poesia, como também, contribuir significativamente na formação cultural e pessoal do aluno, pela forma inovadora de tratar temas universais, como o amor e morte de forma filosofante, reflexiva, e não menos crítica, da condição do homem nesse universo de subjetividade.

Para tanto, pretendemos observar como os alunos do terceiro ano do ensino médio recebem a poesia do escritor estudando os poemas: “Budismo moderno”, “Idealismo”, “Soneto” e “Versos de amor”, publicados no livro “Eu” (1965), poemas esses, que consideramos ser pouco conhecidos pelos alunos do nível médio, por não estarem tão frequentemente presentes dos livros didáticos.

Objetivamos com isso, favorecer o encontro do aluno com a poesia de Augusto, bem como refletir o modo incomum de uso da linguagem do escritor. De acordo com as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006):

A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição, (BRASIL, 2006, p. 55).

De acordo com as Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEMS), o texto literário tem a potencialidade de provocar “experiências múltiplas”. Nesse sentido, a poesia de Augusto dos Anjos se mostra como uma alternativa, pelo modo sem igual, o poeta aborda temas que circulam sua obra. Para tanto, nos apoiaremos na concepção de “sequência básica do letramento literário na escola”, de Rildo Cosson (2009), para a experiência de leitura na sala de aula.

Conteúdos: a poesia de Augusto dos Anjos.

Materiais:

- Cópias dos poemas;
- Atividade impressa;
- Lousa e pincel;

Duração: 4 aulas.

Metodologia: aula expositiva- dialogada.

1ª e 2ª ETAPAS - motivação e introdução do escritor e da obra- (1 aula- 45 minutos)

Objetivo: proporcionar o encontro do aluno com a poesia do poeta paraibano Augusto dos Anjos.

Plano para aula 1 (45 minutos):

Objetivos: sondar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da poesia de Augusto dos Anjos e introduzir o autor e obra “Eu” (1965).

Objetivos específicos:

- Conhecer e refletir sobre a poesia e o poeta Augusto dos Anjos.

Procedimentos:

- Sondagem oral acerca dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a poesia de Augusto dos Anjos (10 minutos);
- Distribuição do poema “Versos de amor” (5 minutos);
- Leitura silenciosa e em voz alta do poema (10 minutos);
- Comentar e discutir a temática do amor presente no poema (10 minutos);
- Introdução do poeta Augusto dos Anjos e a obra “Eu” (1965), (10 minutos);

Conteúdos

- A poesia de Augusto dos Anjos.

Materiais

- Cópias do poema “versos de amor” de Augusto dos Anjos;
- Livro “Eu” (1965);
- Lousa e pincel.

2ª ETAPA- Leitura - (2 aulas- 45 minutos)

Objetivo: proporcionar a leitura, reflexão e discussão do poema “Budismo moderno”.

Plano para aula 2 (45 minutos)

Objetivo: ler o poema “Budismo moderno” e refletir a temática da morte presente no texto.

Objetivos específicos:

- Ler e discutir o poema “Budismo moderno”;
- Observar e refletir sobre as impressões dos alunos acerca da linguagem usada pelo poeta;
- Comentar e discutir o texto.

Procedimentos:

- Distribuição do poema “Budismo moderno” (5 minutos);
- Leitura silenciosa e em voz alta do poema (10 minutos);
- Questionamento e reflexão acerca das impressões dos alunos acerca da poesia do escritor e das dificuldades enfrentadas na leitura (10 minutos);
- Exposição escrita na lousa do significado das palavras desconhecidas do poema (5 minutos);
- Discussão do poema (15 minutos).

Conteúdos:

- A poesia de Augusto dos Anjos.

Materiais

- Cópias do poema “Budismo moderno” de Augusto dos Anjos;
- Lousa e pincel.

3ª ETAPA- interpretação- (3 aulas- 1h e 35 minutos)

Objetivo: interpretar os poemas “Soneto” e “Idealismo” atentando para a linguagem do escritor

Plano para aula 3 (45 minutos)

Objetivo geral: compreender o poema “Soneto”.

Objetivos específicos:

- Ler o poema “Soneto”;
- Analisar o poema.

Procedimentos

- Distribuição do poema “Soneto” (5 minutos);
- Leitura silenciosa e em voz alta do poema (10 minutos);
- Análise e discussão do poema conjuntamente com a turma (30 minutos).

Conteúdos:

- A poesia de Augusto dos Anjos;

Materiais:

- Cópias do poema “Soneto”;
- Lousa e pincel;

Plano para aula 4 e 5 (90 minutos)

Objetivo geral: interpretar o poema “Idealismo” de Augusto dos Anjos.

Objetivos específicos:

- Ler o poema “Idealismo”;
- Interpretar o poema.

Procedimentos:

- Distribuição do poema “Idealismo” e da atividade escrita (5 minutos);
- Leitura silenciosa e em voz alta do poema (10 minutos);
- Exteriorização conjunta dos alunos acerca do poema “Idealismo” (15 minutos);
- Distribuição de uma atividade escrita acerca do poema (5 minutos);
- Leitura e explicação da atividade (5 minutos);
- Resolução da atividade (45 minutos);
- Recolhimento das atividades (5 minutos).

Conteúdos:

- A poesia de Augusto dos Anjos: leitura e interpretação do texto poético.

Materiais:

- Cópias do poema “Soneto” e da atividade escrita (vide anexo 2);
- Lousa e pincel.

Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias e poemas esquecidos**. Texto e nota: Antonio Houaiss. 30^a. ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1965.

BRASIL, **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

COSSON, Rildo. A sequência básica. In: **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed. 3^a reimpressão, São Paulo: contexto, 2009.

ANEXO 2

Atividade

1. Augusto dos Anjos foi um poeta que inovou a poesia brasileira pelo estilo de linguagem expressiva, musical e de imagens “estranhas” e “incomuns”. Ele abordou na sua lírica temas universais relacionados ao homem, ao mundo e a vida. Leia o poema abaixo e responda:

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo calo!
 O amor na Humanidade é uma mentira.
 É. E é por isto que na minha lira
 De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
 Quando, se o amor que a Humanidade inspira
 É o amor do sibarita e da hetaíra,
 De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
 O mundo fique imaterializado
 - Alavanca desviada do seu fulcro-

E haja só amizade verdadeira
 Duma caveira para outra caveira,
 Do meu sepulcro para o seu sepulcro?!

(ANJOS, Augusto do. **Eu e outras poesias e poemas esquecidos**, 1965, p.89).

Vocabulário¹:

Sibarita- Relativo ou natural de sibiris, antiga colônia grega no sul da Itália, famosa por sua riqueza e ostentação. (Fig.)- Diz-se da pessoa dada aos prazeres físicos e aindolência.

Hetaíra- cortesã de beleza excepcional na sociedade grega, que prestava favores de natureza sexual e, em troca, ao contrário das prostitutas, gozava de prestígio nas comunidades gregas.

Messalina- foi a mulher do imperador Romano Claudius. Foi conhecida por ser adúltera e inescrupulosa.

Sardanapalo- Nome dado pelos gregos ao rei Assurbanipal, da Assíria (sec.VII a.C.). (Fig.)-Pessoa que leva uma vida luxuosa e dissoluta, como o rei Assurbanipal.

Fulcro- S. m. Sustentáculo, apoio, amparo. Ponto de apoio de uma alavanca.

¹ Significado das palavras extraídas de: <http://www.dicionarioinformal.com.br>- Acesso em: 26 de março de 2014.

- a) Qual a temática abordada no poema? Explique sua resposta a partir de um trecho do texto.
- b) Considerando a temática do poema, há alguma palavra “estranha” usada pelo escritor na abordagem do tema? Escreva quais são essas palavras e explique o que elas representam na poesia do autor.
- c) O uso das palavras “diferentes” atrai-lhe para a leitura dos poemas de Augusto dos Anjos? Por quê?
- d) O poeta preocupado-se com a humanidade e demonstra um ponto de vista frente a ela. Que tipo de visão é essa? Essa observação ajuda-lhe a compreender melhor as relações humanas? Explique.
- e) A forma como o autor trabalha o tema do amor no texto se assemelha com as relações afetivas da atualidade? Justifique sua resposta.
- f) O poeta paraibano Augusto dos Anjos ao longo dos anos tem adquirido grande representatividade na poesia brasileira. Considerando as discussões realizadas em sala de aula, sobre as características e elementos presentes na poesia do autor, você enquanto aluno- leitor acredita que a poesia do poeta deveria ser mais estudada nas aulas de literatura? Por quê?

ANEXO 3

POEMAS

VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão
treda!
O amor, poeta, é como a cana azêda,
A tôda a bôca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu
conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Tôdas as ciências menos esta ciência!

Certo, êste o amor é que, em ânsias, amo
Mas certo, o egoísta amor êste é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do
egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou
amando,
É espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e
cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta e orelha cauta,
Como Marsias- o inventor da flauta-
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo
Possam tôdas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo!

Para que, enfim, chegando à ultima calma
Meu podre coração rôto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d' alma!
Pau d' Arco, agosto-
1907.

(Anjos, Augusto. **Eu e outras poesias e poemas esquecidos**, 1965, p. 131-132.)

BUDISMO MODERNO

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte
Minha singularíssima pessoa.
Que importa que a mim a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptograma cápsula se esbroa
Ao contacto de branca destra forte!

Dissolva-se, portanto, a minha vida
Igualmente uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

(ANJOS, Augusto do. **Eu e outras poesias e poemas esquecidos**, 1965, p. 84)

SONETO

*Ao meu primeiro filho nascido
Morto com 7 meses incompletos
2 de fevereiro 1911.*

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho de grande fôrça fecundante
De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal
Destruíu, com a sinérgia de um gigante,
Em tua *morfogênese* de infante
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plasmática substância,
Em que logar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!...

Ah! Possas tu dormir feto esquecido,
Panteísticamente dissolvido
Na *noumenalidade* do NÃO SER!

(ANJOS, Augusto do. **Eu e outras poesias
e poemas esquecidos**, 1965, p. 64)

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo calo!
O amor na Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
De amôres fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade
inspira
É o amor do sibarita e da hetaira,
De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
O mundo fique imaterializado
- Alavanca desviada do seu fulcro-

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outra caveira,
Do meu sepulcro para o seu sepulcro?!

(ANJOS, Augusto do. **Eu e outras poesias
e poemas esquecidos**, 1965, p. 89).

ANEXO 4

EXEMPLOS

Exemplo 1

- a) Qual a temática abordada no poema? Explique sua resposta a partir de um trecho do texto.

O amor idealizado ~~mas~~ não de uma forma melosa. ^{É sim}
de uma forma verdadeira e "pura" como ele deveria ser, sem apenas
muitas vezes essa parte carnal, física e interesse financeiro.

"O amor! quando virá por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a humanidade inspira
É o amor de Sibarita e da hetaira,
De Messalina e de Sordana-palo?!"

Exemplo 2

- b) Considerando a temática do poema, há alguma palavra "estranha" usada pelo escritor na abordagem do tema? Escreva quais são essas palavras e explique o que elas representam na poesia do autor.

Sepulcros, mistes, corleio. Na época onde poemas se tratavam
de romances doces, e vidas felizes, o autor tratava da realidade
de forma ~~melosa~~ lícido e com palavras que poderiam realmente
representar os temores, perigos, ansios e desejos do homem de
forma fiel.

Exemplo 3

- b) Considerando a temática do poema, há alguma palavra "estranha" usada pelo escritor na abordagem do tema? Escreva quais são essas palavras e explique o que elas representam na poesia do autor.

Sibarita - Representa a antiga colônia grega no sul da Itália
Hetaira - Representa cortesã de beleza excepcional na sociedade grega
Messalina - Representa a mulher do imperador romano
Sardana-palo - Representa pessoa que leva uma vida luxuosa e dissoluta
como o rei.

Exemplo 4

- c) O uso das palavras "diferentes" lhe atrai para a leitura dos poemas de Augusto dos Anjos? Por quê?

Sim, pois atrairá duas palavras fiéis com o vocabulário mais
rico, e também são palavras bem diferentes com explicações
fiéis

Exemplo 5

- c) O uso das palavras "diferentes" lhe atrai para a leitura dos poemas de Augusto dos Anjos? Por quê?

Sim, por ele não fantasiar sobre o tema seja a morte, o amor ou ~~ou~~ outros. Ele fala, retrata e explica de uma forma verdadeira e como realmente é.

Exemplo 6

- d) O eu lírico se preocupado com a humanidade e demonstra um ponto de vista frente a ela. Que tipo de visão e essa? Essa observação lhe ajuda a compreender melhor as relações humanas?

Explique.

Ele fez uma crítica ao amor. Pois ele vê que o amor não é só aquele mar de rosas, mais também existem espinhos. E para relacionarmos melhor com os outros pessoas, precisamos amá-los, ou pelo menos ter a amizade dela.

Exemplo 7

- d) O eu lírico se preocupado com a humanidade e demonstra um ponto de vista frente a ela. Que tipo de visão e essa? Essa observação lhe ajuda a compreender melhor as relações humanas?

Explique.

Ele fez uma crítica ao amor da humanidade. Sim, porque ele mostra a realidade, ele tem consciência de que o amor nem sempre é verdadeiro e passa essa visão para os leitores.

Exemplo 8

- d) O eu lírico se preocupado com a humanidade e demonstra um ponto de vista frente a ela. Que tipo de visão e essa? Essa observação lhe ajuda a compreender melhor as relações humanas?

Explique.

Ele fala sobre a ligação Silvano e Hilda, que representa um romance entre pessoas ligadas por projetos comuns por exemplo. Também sobre a relação por interesse e caso de adulterio.

Sim, ajuda, explica como funcionam até os relacionamentos em geral da atualidade.

Exemplo 9

- e) A forma como o autor trabalha o tema do amor no texto se assemelha com as relações afetivas da atualidade? Justifique sua resposta.

Sim, na atualidade, embora novas diversidades & práticas, o conceito do amor e os sentimentos ainda são os mesmos. Na atualidade acontecem adulterios, relações por interesse e os prazeres comais igual na época.

Exemplo 10

- f) O poeta paraibano Augusto dos Anjos ao longo dos anos tem adquirido grande representatividade na poesia brasileira. Considerando as discussões realizadas em sala de aula, sobre as características e elementos presentes na poesia do autor, você enquanto aluno-leitor acredita que a poesia do poeta deveria ser mais estudada nas aulas de literatura? Por quê?

Sim, nos ajuda a discutir sobre determinados temas que não damos a verdadeira importância na nossa vida, como a morte por exemplo, que não falamos sobre ela normalmente.

Exemplo 11

- f) O poeta paraibano Augusto dos Anjos ao longo dos anos tem adquirido grande representatividade na poesia brasileira. Considerando as discussões realizadas em sala de aula, sobre as características e elementos presentes na poesia do autor, você enquanto aluno-leitor acredita que a poesia do poeta deveria ser mais estudada nas aulas de literatura? Por quê?

Sim. Porque a poesia dele é diferente das poesias dos demais, ele não segue os mesmos "padrões" que os outros, conhecemos um novo tipo de linguagem e aprendemos a interpretar os poemas.